

MEMÓRIAS DE GILBERTO DE ALENCAR: O REVELAR DO JORNALISTA INTELLECTUAL E SUAS FERROADAS LITERÁRIAS.¹

Elza de Paula ASSIS²
Moema Rodrigues Brandão MENDES³

RESUMO

O presente artigo possui a finalidade revelar aos leitores e pesquisadores, o escritor mineiro Gilberto de Alencar (1886- 1961) como jornalista intelectual, que atuava de forma efetiva na sociedade de sua época, por meio de suas quadras satíricas rimadas. Essas foram publicadas no periódico **Diário Mercantil** no período (1954-1960), constituindo a coluna denominada **Ferroadas**. Esse estudo surgiu da ação do Grupo de Trabalho (GT), **Arquivos Literários**: memória, resgate, preservação, coordenado pela pesquisadora Moema Rodrigues Brandão Mendes, que integra a Linha de Pesquisa, Literatura de Minas: o regional e o universal, do programa de pós-graduação *Stricto sensu*, Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia), com área de concentração em Literatura Brasileira. A proposta é resgatar as quadras satíricas do lote datado de 1954 que é constituído por 145 publicações. Neste viés, destaca-se a importância dos Arquivos nas pesquisas acadêmicas, permitindo aos pesquisadores resgatar a memória de um escritor, de um povo e de um determinado lugar. São por meio dos documentos arquivísticos que se dão vidas e vozes próprias às identidades esquecidas, como no caso, a revelação de um Gilberto de Alencar, jornalista, escritor e intelectual de seu tempo mediante as suas Ferroadas Literárias. Desta forma, resgatar a memória, por meio dos Arquivos, é de extrema relevância para patrimônio cultural de uma sociedade.

Palavras-chave: Gilberto de Alencar. Intelectual. Coluna Ferroadas. Arquivo e Memória.

ABSTRACT

This article aims to reveal to readers and researchers Gilberto de Alencar (1886-1961) from Minas Gerais as an intellectual journalist, who worked effectively in the society of his time, through his rhymed satirical quatrains. These were published in the newspaper *Diário Mercantil* in the period (1954-1960), constituting the column called *Stings*. This study arose from the action of the Working Group (WG), Literary Archives: memory, rescue, preservation, coordinated by researcher Moema Rodrigues Brandão Mendes, who is part of the Research Line, Literature of Minas: the regional and the universal, of the program of *Stricto sensu* postgraduate, Master's Degree in Literature at the Academia University Center (UniAcademia), with a concentration in Brazilian Literature. The proposal is to rescue the satirical quatrains of the batch dated 1954, which is made up of 145 publications. In this bias, the importance of Archives in academic research is highlighted, allowing researchers to rescue the memory of a writer, a people and a particular place. It is through archival documents that their own lives and voices are given to forgotten identities, as in this case, the revelation of a Gilberto de Alencar, journalist, writer and intellectual of his time through his *Literary Stings*. Thus, rescuing memory, through Archives, is extremely important for a society's cultural heritage.

Keywords: Gilberto de Alencar. Intellectual. Stings Column. Archive and Memory.

¹ Esta reflexão é resultado de parte da pesquisa em desenvolvimento para a dissertação de Mestrado intitulada **Gilberto de Alencar**: o jornalista Zangão e as Ferroadas literárias no Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

² Mestranda em Letras (UniAcademia/JF). Especialista em Psicopedagogia (UNIG/RJ) Membro do GT "Arquivos literários: memória, resgate, preservação", (CNPq). E-mail: elzapaulaassis@gmail.com

³ Pós-Doutora em Memória e Acervos literários (FCRB/RJ) Doutora em Letras (UFF/RJ), líder do GT "Arquivos literários: memória, resgate, preservação", (CNPq). E-mail: moemarbrendes@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende expor às quadras satíricas do escritor intelectual mineiro Gilberto de Alencar que foram publicadas no periódico **Diário Mercantil** no ano de 1954, denominadas Colunas Ferroadas, para a qual o escritor assinava sob o pseudônimo de Zangão. O material foi coletado por meio dos Arquivos que estão sob a guarda de Museus da cidade de Juiz de Fora MG, como o Museu de Arte Murilo Mendes, administrado pela Universidade de Juiz de Fora (MAMM/UFJF/MG), que detém a guarda do Acervo da família Alencar e o Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF/MG), órgão administrado pela Prefeitura dessa cidade, responsável pela guarda dos exemplares do **Diário Mercantil** desde sua primeira edição em 1912 até seu fechamento em 1983. Com a finalidade de completar o processo de coleta de dados foram visitadas outras instituições, nessa mesma cidade, como: Biblioteca Municipal Murilo Mendes (BMMM/MG) e a seção de Arquivo-setor de pesquisa do Memorial da República Presidente Itamar Franco (MRPIF).

GILBERTO INTELIGENTÍSSIMO DE ALENCAR

Jair Silva confessa: “Recordo com prazer esta velha história, por que hoje, como toda gente sabe, o Gilberto continua inteligentíssimo de Alencar”. Ainda brincando e prestando homenagem ao colega que tanto admirava, terminou esclarecendo: “Coloquei aqui a anedota, por ter absoluta certeza de que Gilberto é cultíssimo de Alencar” (NÓBREGA, 1977, p.100).

É com este propósito que revelo o escritor Gilberto Napoleão Augusto de Alencar como sendo um jornalista intelectual que nasceu em Minas Gerais, no dia 1 de dezembro de 1886, no arraial de João Gomes situado na cidade de Palmira, Minas Gerais, atualmente, cidade conhecida como Santos Dumont. Seu falecimento foi confirmado na cidade Juiz de Fora, Minas Gerais, no dia 4 de fevereiro de 1961 (MENDES, 2016). Era filho de Fernando de Alencar que foi médico e também escritor, o qual migrou do Ceará para Minas Gerais no final do século XIX. Casou-se com a professora pública, Sophia Áurea do Espírito Santo, residindo em Queluz, hoje em dia, conhecida como Conselheiro Lafaiete. Tiveram quatro filhos.

Gilberto de Alencar iniciou seus estudos com seus familiares, especialmente com seu pai Fernando, com quem aprendeu francês, poesia e literatura. Estudou no colégio Gonçalves de Barbacena, Minas Gerais, mas permaneceu por pouco tempo,

não tendo a oportunidade de frequentar as escolas regulares. O motivo foi acompanhar a família e seu pai, que em função do ofício da medicina não pode permanecer em um lugar fixo, necessitando fazer mudanças de cidade em cidade do interior de Minas Gérias (FRANCISQUINI, 2017). Francisquini (2017) e Mendes (2016) continuam informando que devido à situação financeira da família, Gilberto de Alencar, desde muito jovem precisou trabalhar. Seu primeiro emprego foi como tipógrafo nas oficinas do **Autônomo** que era um semanário da cidade de Queluz. Em 1905, foi para a cidade de Oliveira, Minas Gerais, onde iniciou sua carreira jornalística, escrevendo para o periódico **Democracia**. Gilberto de Alencar residiu em várias cidades do interior de Minas como: Itaúna, Henrique Galvão, Sete Lagoas, São João Nepomuceno escrevendo para vários periódicos, dentre eles: **Gazeta de Queluz**, **Correio do Oeste** de Itapeçerica, **Correio de Minas** de Juiz de Fora e outros, até fixar-se definitivamente na cidade de Juiz de Fora.

Diversos fatores contribuíram para Gilberto de Alencar escolher Juiz de Fora como sua residência para trabalhar e garantir o sustento de toda a sua família. Um destes fatores foi a localização da cidade, a qual se situava próxima do Rio de Janeiro, capital do país. Outro fator relevante foi que a cidade possuía várias instituições de ensino que eram frequentados por famílias oriundas de uma boa formação intelectual (ROSA, 2013).

Sua filha, Cosette de Alencar, em um suplemento de aniversário datado de 1970, apontou as motivações que levaram seu pai a optar por Juiz de Fora. Conforme,

Sei que a principal razão porque Gilberto de Alencar escolheu Juiz de Fora para domicilio nos primeiros anos do século terá sido, exatamente, esta: o escritor jovem e ardente procurava ambiente onde pudesse exercer o ofício de letras para que nascera. À época, Minas Gerais não dispunha de outra cidade tão avançada culturalmente quanto à pequena e paroquial cidadezinha situada às margens do Paraibuna. Gilberto de Alencar, pesados os prós e contras, pegou mulher e filhos e abalou-se para esta comuna. Vinha fazer uma experiência (ALENCAR, C. 1970. Não paginado).⁴

Outra motivação que influenciou na decisão do escritor em permanecer na cidade de Juiz de Fora foi a existência de contatos pessoais que mantinha com

⁴ ALENCAR, Cosette de. Juiz de Fora: Literatura antes e agora. **Diário Mercantil**, 31 mai 1972. Suplemento Especial de Aniversário da Cidade. s/p. O mesmo texto foi publicado na Revista da Biblioteca Municipal de Juiz de Fora. 2º trimestre de 1970. p.3-4.

os literatos de destaque na cidade, os quais poderiam criar oportunidades de emprego, principalmente, na imprensa local. Entre eles estão Machado Sobrinho e o poeta Belmiro Braga.

Dormeilly Nóbrega (1997) depois do seu primeiro encontro com Gilberto Alencar retrata sua primeira impressão em relação ao jornalista literato: “Uma figura magra, de roupa escura, colete, calça de bolso à militar, avarento de palavras na conversação, como se tivesse medo do cigarro cair da boca” (NÓBREGA, 1997, p.99). Seu grande amigo Mário Matos, companheiro de lides literárias, também pronunciou um comentário sobre o perfil do amigo: “Singelo nas vestes, monossilábico na conversação, tímido na sociedade, doméstico como os gatos, ressabiado e meio solitário” (NÓBREGA, 1997, p.99).

Convivendo por mais tempo com o literato na redação e mantendo longas conversas nos bancos do Parque Halfeld, onde também se encontravam, Dormeilly Nóbrega resume o amigo como sendo:

Descobrimos um outro Gilberto, simples, de adorável mineirice, o que, aliás, é palpável em toda obra que publicou, desde amor a Ouro Preto (“Cidade do sonho de da melancolia”) a seus romances, levando Aires da Mata Machado Filho a classificar de “mineirismo rural” o de Gilberto, enquanto que o de Eduardo Frieiro seria um “mineirismo urbano” (NÓBREGA, 1997, p.99. grifos do autor).

Observando os fragmentos citados, pode-se entender que Alencar teve um grande destaque reconhecido pelos seus amigos que também exerciam o mesmo ofício. Esses reconheciam Gilberto de Alencar como sendo um grande jornalista intelectual de sua época.

ARQUIVO MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO: UM PONTO DE ENCONTRO

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali eu ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHES, 2003, p.69).

O Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) e o Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF) são arquivos institucionais e segundo Marilena Leite Paes (2002), entende-se como Arquivo Institucional “o conjunto de documentos oficialmente

produzidos e recebidos por um governo, organização ou firma, no decorrer de suas atividades, arquivados e conservados por si e seus sucessores futuros” (PAES, 2002, p.19).

Escrever sobre o jornal **Diário Mercantil** é também ressaltar a importância do Arquivo na história de Juiz de Fora, pois o mesmo está relacionado à memória e à identidade de um povo, formando uma relação indissociável, assim, quando se fala em arquivo remete-se à memória.

O objetivo desse artigo também é compreender a memória como patrimônio cultural, isto é, a compreensão das memórias na história da formação do homem, enquanto ser histórico, social e ao mesmo tempo individual e particular. Memória, nessa reflexão, deve ser compreendida como a capacidade de armazenar e reter a informação aprendida e de reproduzir essa mesma informação, isto é, lembrar-se da informação guardada anteriormente referente a fatos vividos no passado. Maurice Halbwachs, (2003), teórico francês, afirma que a memória individual é aquela que é preservada por um indivíduo remetendo as suas próprias vivências, e que elas estão inseridas no social. Já a memória coletiva é formada por experiências que são guardadas como memória oficial, relacionando seu passado a partir do reconhecimento das suas relações com o meio em que se vive ou viveu. Essa memória expressa aquilo que chamamos de lugares de memórias que reconhecemos como monumentos, hinos oficiais, obras literárias e pinturas, que expõem um passado coletivo de uma determinada sociedade. Dessa forma, pode-se compreender que as memórias individuais e as coletivas constroem relações importantes com os lugares, e que, se os mesmos forem alterados, podem modificar a memória do grupo. A memória individual existe a partir da memória coletiva, porque todas as lembranças são construídas na convivência em grupo, ou seja, a memória individual alimenta a memória coletiva e a memória coletiva alimenta a memória individual. Nessa relação nos parece que o coletivo prevalece sobre o individual, visto que, o homem se recorda mais facilmente dos fatos que viveu em grupo do que dos fatos que viveu individualmente. Sendo assim, constata-se que as lembranças que mais perduram são aquelas vividas pelo um grupo: “As lembranças que temos da nossa vida mostram que nunca só são nossas, uma vez que nenhuma lembrança pode ser apartada da sociedade” (HALBWACHS, 2003, p.30).

Nesse cenário, a função primordial do Arquivo, é que ele se constitui como elemento essencial dentro da sociedade, o qual atua como custodiador e disseminador dos vestígios que mantêm viva uma coletividade e que permitem a construção e a consolidação de uma memória e identidade social (NORA, 1993).

A palavra **Arquivo** circulou pela primeira vez na Grécia Antiga, mas seu uso universal provém da palavra *archeion* que, por sua vez, é composto por dois elementos que são: *arkhaios* (antigo) e *epo* (dispor, ter cuidado) dando origem ao latim *Archivum*. Ao longo do tempo, os arquivos foram inscritos nos mais diferentes suportes tais como, as tábuas de argilas, pedras, ossos, folhas, desenhos e pinturas nas paredes das cavernas, papiros e papéis, que foram usados como instrumentos para marcar experiências e vivências da comunidade social. Esses suportes podem ser considerados Arquivos, pois os documentos guardados não significam apenas pedaços de papéis ou desenhos, mas, tudo o que representa a existência de um povo (PAES, 2002).

Cuche (2002), acrescenta que arquivo é um local não apenas de preservação de informações, mas também de construção da cidadania, defesa e refutação de memórias e identidades. Ele expõe que o mesmo é local de poder, de reivindicações e de luta pela afirmação dos diferentes grupos culturais.

Retomando a reflexão proposta, os Arquivos estão presentes na história da humanidade desde longa data, quando o homem sentiu a necessidade de fixar-se em determinado local e necessitou de um Estado que centralizasse as decisões a serem tomadas dentro de uma comunidade. Para Lodolini (apud BRITO; MORKARZEL; CORRADI, 2017, p.160), o ato de registrar suas ações e suas histórias surge da necessidade do homem de deixar suas informações e seus registros ao alcance de todos, conforme a reflexão:

Desde a mais alta antiguidade o homem sentiu necessidade de conservar a sua própria "memória", primeiro sob a forma oral, depois sob a forma de grafite e de desenhos, e, finalmente, graças a um sistema codificado, isto é, com símbolos gráficos correspondentes a sílabas ou a letras. A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda e qualquer atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem Arquivos. (LODOLINI, 1989, p. 34 apud BRITO; MORKARZEL; CORRADI, 2017, p.160).

A partir da Revolução Francesa, em 1789, há uma mudança do conceito sobre arquivo memória e identidade. Surge uma nova consciência em relação ao

Arquivo com novas preocupações e responsabilidade para o Estado, entre elas, garantir e preservar a documentação já existente, passando a compreender e ter consciência do valor histórico destes documentos, procurando, assim, formas e meios para assegurar acessibilidade para toda a população.

O nacionalismo e ufanismo, vindos dessa Revolução, ocorrida na França incentivou e impulsionou os Arquivos a se tornarem um laboratório para pesquisa histórica. O povo dos países dominados despertou para a importância de garantir sua história registrada e resguardada, alimentando suas memórias e criando suas identidades.

Esses movimentos históricos foram fundamentais para conscientização e transformação dos Arquivos em lugares de memória. Segundo Nora (1993), lugares de memórias vão do objeto mais palpável ao mais abstrato e simbólico. Um monumento, uma personagem, um museu, um arquivo... se possuir uma vontade de memória, uma relação de reciprocidade entre memória e história, eis o lugar de memória.

Para este historiador francês, o Arquivo constitui uma fonte primordial de qualquer estudo relacionado à memória, uma vez que, por meio dele constata-se diversas dimensões da realidade, entre elas: social, cultural, administrativa, ideológica, econômica e política, em que os objetos de estudo estão relacionados. Desta forma, percebe-se a importância dos Arquivos como sendo laboratórios que, além de guardar a memória de um povo, também preserva suas características próprias como a identidade e seus discursos.

A pesquisadora Moema Rodrigues Brandão Mendes (2021) corrobora com estes estudos sobre Arquivos Literários. Em sua entrevista concedida à Revista *Archivoz*, no dia 25 de janeiro de 2021, ela evidencia que a pesquisa desenvolvida em torno dos documentos privados ou públicos que constituem o Arquivo Literário é sempre um ato de resgate da memória que deve ter como propósito preservar a construção da história do homem em sua formação sócio-histórica. A estudiosa também destaca a importância dessas contribuições para que a memória literária seja, permanentemente, revisitada. Além disso, afirma que a memória é um patrimônio, um bem, um legado cultural e como tal deve ser salva, defendida e guardada. A memória também é faculdade, potencialidade, virtualidade e como tal deve ser estimulada, impulsionada e intensificada. Preservar os documentos de

qualquer natureza genética, como os manuscritos em suporte papel, entre eles: os diários, livros, bilhetes, correspondências, jornais, rascunhos e outros, se faz urgente para que no futuro não tenhamos que restaurar. Nessa perspectiva, os documentos privados ou públicos, muito contribuirão para os estudos de vários escritores, os quais permitirão que suas obras possam ser pesquisadas com o decorrer do tempo, possibilitando o resgate da memória e identidade de um povo. Aloisio Castro contribui com a pesquisadora em questão ao afirmar:

[...] a necessidade de preservação de conjunto de bens culturais que integram o patrimônio brasileiro, fazendo menção em particular, ao papel enquanto categoria tipológica de bem cultural a ser preservado: “ou começamos a cuidar de nossos papéis, onde estão contidas informações, dados, e valores que traçam a trajetória evolutiva, ou vamos carecer dessas informações, fundamentais na explicitação do futuro”. [...] “no caso específico do papel e do documento, o papel é o suporte de grande parte da nossa informação histórica. E se esse suporte não merecer um trato adequado, desaparece a informação que nele foi depositada em tempos passados” (CASTRO, 2010, p.42. grifos do autor).

Portanto, devemos nos preocupar e lutar para recuperarmos e preservarmos os documentos históricos, públicos e privados, que estão depositados nos Arquivos, pois, desta forma, estaremos preservando a memória individual e coletiva de todos os movimentos, grupos e classes sociais de um povo.

GILBERTO CULTÍSSIMO DE ALENCAR: JORNALISTA, INTELLECTUAL E ESCRITOR

A palavra é uma arma que pode ser bem ou mal usada: a culpa do crime nunca é da faca (GALEANO, 1978, p. 22).

O jornal representa uma plataforma para intervenção do sujeito na esfera pública, seja por seu enorme alcance entre a população letrada, seja por sua capacidade de mediação dentro de uma camada política do governo.

Alencar sempre foi comprometido com o ofício que exercia, destacando sua responsabilidade em informar e esclarecer o leitor usando de uma postura ética e crítica por acreditar que o jornalismo é uma missão, um vício. Conforme aborda a autora Cássia Aparecida Braz Araújo (2018).

O escritor expressa a valorização desse ofício e o exalta por meio de sua obra, **O escriba Julião de Azambuja** (1962) no qual foi personagem protagonista.

Isto de escrever nos jornais é que foi o diabo, porque me impediu de publicar maior número de referidas brochuras e sobretudo de burilá-las a meu gosto. Não houve, todavia, outro remédio, visto que, então, como presentemente, ninguém podia viver de literatura, e de jornal sempre se vivia e sempre se vive. A prova é que consegui criar e educar numerosa família, nos moldes e com conforto da pequena burguesia que se preza (ALENCAR, G., 1962, p.8).

Como personagem principal do seu romance de ficção deixa transparecer o escriba Julião de Azambuja e sua profissão de jornalista-literato. Ele prioriza informar aos leitores, os eventos e acontecimentos, daquele momento, com muita precisão e veracidade das informações, não permitindo distanciamento dos fatos ocorridos na esfera regional e nacional. Destaca-se também como característica de sua produção jornalístico-literária a introdução dos fatos reais que estavam acontecendo, no momento, dentro de obra uma ficcional, noticiando com exatidão a reação do diretório do Partido dos Trabalhadores Brasileiros e sua relação ao suicídio do então presidente Getúlio Vargas (ARAÚJO, 2018).

CAMINHO ATÉ O CENTRO DA CIDADE, com o intuito de observar o que se passa, e logo cuido de regressar porque os alto-falantes do P.T.B., na rua principal, estão explorando o cadáver a fundo e despejam, do alto das sacadas, aos berros, não só a carta em que o suicida, ou alguém por êle, apela para a história e exige vingança, mas ainda um tal chorrilho de parvoíces como igual jamais vi ou ouvi na minha vida, enquanto a turba, apinhada em baixo, aplaude e vocifera. Entre a turba observo lá um ou outro rosto que denota dor sincera, a dor dos simplórios que se deixaram iludir. Observo mesmo algumas lágrimas (ALENCAR apud ARAÚJO 2018, p.36).

Em sua obra **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**, Alencar expressa seu apreço e sua afinidade em relação ao jornalismo, assim como, a vocação que herdara de seu pai.

As vocações de repente é que se descobrem e eu tinha descoberto a minha, por acaso, ali naquela sala, com os seus cavaletes ao longo das paredes, as suas caixas de tipos, a mesa da paginação com tampo de mármore, a máquina de impressão, o cheiro forte de tinta (ALENCAR, 1957, p.217-218).

Araújo (2018) aborda em sua pesquisa que o literato-jornalista, Gilberto de Alencar, opta por trabalhar com notícias do cotidiano, procurando atualizar seu público sobre questões importantes acerca da política nacional e regional por meio de suas estratégias textuais, afirma que ele utiliza os espaços no jornal para

registrar seu posicionamento como um intelectual moderno, colocando como porta-voz do povo, na busca de captar seus anseios e representá-los, expondo suas necessidades.

Nessa perspectiva, o escritor mineiro, registra em sua escrita no periódico, **Diário Mercantil**, intervindo na sociedade de seu tempo. Entende-se, com isso, que Alencar publicou **Ferroadas** com o objetivo de questionar e debater os problemas de sua época, em especial aqueles enfrentados pelo público mineiro juiz-forano relacionados ao contexto mundial. A coluna **Ferroadas**, portanto, pretende expressar as transformações e contradições ocorridas no cenário regional, nacional e internacional, sendo uma produção marcada pela subjetividade, cercada de reflexões e expondo seu posicionamento compartilhado com o leitor, evidenciando assim, o papel de jornalista-intelectual moderno assumido por Alencar:

O escritor-intelectual, ao manusear a palavra, permite o acesso do leitor a um mundo projetado por sua própria experiência. Dessa maneira, o intelectual passa a ser um instrumento de defesa daqueles que possuem uma voz silenciada pelo poder instituído, isto é, o porta-voz do povo que atua como agente de transformação social,

Por ordem do governo e para proteger os donos dos canaviais, o preço do açúcar irá a dez cruzeiros.

**Do povo, nessa hora amarga,
É mais do que justo o estrilo,
Pois o que dava por saca**

Vai dar agora por quilo... (ALENCAR, (ZANGÃO), 5 jul. 1954, p.2, grifo do autor).

Conforme (SAID, 2005 apud CURY, 2008, p.24), a vocação do intelectual que deve ser pensada como um estado de alerta contra as meias verdades e o preconceito. Como um pensador contemporâneo, Said, propôs uma reflexão importante sobre a função social do intelectual, o qual atribui o papel político em um mundo dominado por divisões e intolerâncias, como se observa a seguir:

[O intelectual é] Alguém que empenha todo seu senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem (SAID, 2005 apud CURY, 2008, p. 24).

Sem entrar em uma abordagem aprofundada desses estudos, podemos dizer que os jornalistas-intelectuais-literários são atores sociais que possuem relações de

duplo pertencimento ou dupla identidade, transitando em espaços de convivência entre a imprensa, o meio político, o meio literário e o intelectual. São jornalistas- escritores como é o caso de Gilberto de Alencar (PEREIRA, 2008).

A pesquisadora e estudiosa Beatriz Sarlo (1997) aborda no seu discurso sobre intelectual pós-moderno que o mesmo precisa ressignificar sua função. Segundo a escritora, esse intelectual necessita de ir muito além de ter pensamentos e interpretações críticas sobre os problemas políticos, econômicos e sociais que assolam a sociedade atual. Para ela, o pensamento crítico não é mais hegemônico, é somente mais um dos recursos utilizados para o embate social.

Nesse sentido, os intelectuais devem atuar na sociedade como intérpretes, escutar as múltiplas vozes da sociedade e tecer redes de interconexão desses discursos, visto que, a população não precisa de um discurso heroico, de pessoas que falem por elas ou que as representem perante a sociedade. Esses atores sociais devem refletir a realidade de um grupo ou de uma sociedade desigual e injusta, contextualizando-a, problematizando-a, mais do que obtendo respostas prontas, discutidas e consolidadas. Há necessidade de elaborar novas e efetivas perguntas, visto que, às respostas são efêmeras e mudam com o tempo. Conforme o pensamento da escritora, o intelectual precisa ter compromisso ético com a superação da desigualdade, da injustiça e, principalmente, da desigualdade local in loco como é o caso da América Latina e da África. Desse modo, a função dos artistas e dos intelectuais que também é fruto desse tempo (lugar), devem em seu discurso trazer ao centro os problemas locais, regionais, colocando-os a dialogar e se enfrentar com uma realidade mais ampla, global e universal. Conforme:

Uma cultura deve estar em condições de “nomear as diferenças que a integram”. Do contrário, a liberdade cultural torna-se um exercício destinado unicamente a realizar-se nos espaços das elites estéticas ou intelectuais. A liberdade de fruição dos diferentes níveis culturais como possibilidade aberta a todos (mas não escolhida por todos) depende de duas forças estados que intervenham equilibrando o mercado, cuja estática denuncia seu compromisso com o lucro; e uma crítica cultural que possa livrar-se do duplo isolamento da celebração neopopulista do existente e dos preconceitos elitistas que solapam a possibilidade de articular uma perspectiva democrática. A crítica cultural então seria um discurso de intelectuais? Dificilmente haverá tanta concorrência assim em disputa por um lugar no qual este discurso possa articular-se. Em contraste com o passado, quando muitos queriam falar ao Povo, à Nação, à Sociedade, poucos hoje se dariam ao trabalho de conquistar esses interlocutores distantes, ficcionais ou desinteressados. Entretanto, pode se construir o lugar, os problemas provocam a intervenção e, além disso, a realidade oferece poucas alternativas. Pode-se buscar

argumento novos e melhores para criticar o comodismo perante o que existe realmente como se nada de diferente pudesse existir, a celebração erotizada do poder; a placidez autocomplacente e indiferente; o cinismo, antes usado como arma de crítica aos poderosos e hoje praticado unicamente contra os progressistas. O pensamento crítico não é uma solução para esse nó. É apenas uma perspectiva: a porta estreita ainda não foi fechada. (SARLO, 1997. p. 181-182).

Prosseguindo estas reflexões, acrescenta-se os estudos de Phillippe Artières (1998), como uma tentativa de compreender um pouco como se dá o arquivamento do eu, no caso, como ocorreram as escolhas gilbertianas nesta coluna em que o escritor expõe situações sociopolíticas representativas da sua época, trazendo à discussão inúmeras contribuições para o enriquecimento do universo literário, pois as críticas são escritas em verso e prosa, ou seja, uma afirmação em prosa e uma crítica em quadras satíricas rimadas.

Informa a imprensa que, se não forem tomadas medidas enérgicas pelo Tribunal Eleitoral, muito defunto votará nas próximas eleições.

Mal não vejo nessa história
Nem armo catilinárias:
Funcionam as urnas cívicas
E também as funerárias... (ALENCAR, (ZANGÃO), 8 jul. 1954, p.2, grifo do autor).

Sobre as escolhas gilbertianas em relação ao que publicar e ao que descartar, Artières comenta:

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo (ARTIÈRES, 1998, p.31).

Para Artières torna-se imprescindível arquivar e tornar públicas nossas produções, documentar nossas vidas incessantemente até o último momento, pois essas estão sendo sempre refeitas em função de fatores pessoais, ou não, registrados por meio da escrita, no caso, por meio dos textos jornalísticos engajados. Sendo assim, a prática de arquivamento é um dispositivo de resistência contra o sistema e de ação intelectual como aponta o teórico:

Sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte (ARTIÉRES, 1998, p.32).

A partir das reflexões de Artiérres, entende-se que o leitor autorizado do **Diário Mercantil**, ao se interessar pelo que diz Alencar na Coluna **Ferroadas**, acompanha de perto a prática íntima da escrita que assume o literato, ou seja, uma função pública no referido periódico.

Importa ressaltar que por meio de abordagem histórico-literária, desta dissertação, as produções gilbertianas representam a cultura e a identidade regional mineira no cenário nacional, divulgando e estimulando vozes esquecidas de Minas. Diante desse contexto, ressalta Moema Mendes:

A partir do fluxo, pretende-se percorrer o trânsito que se interpõe entre o texto jornalístico e o texto literário nas produções do escritor mineiro Gilberto de Alencar, publicadas no periódico **Diário Mercantil**, jornal de expressão na cidade de Juiz de Fora com importante projeção em Minas Gerais (MENDES, 2016. p.2).

A título de amostragem, apresenta-se algumas quadras-satíricas-ferroadas, objetivando apresentar aos leitores registros jornalísticos de um Zangão lançando suas Ferroadas.

1/145

DIÁRIO MERCANTIL, 03 de Julho de 1954, [p. DOIS]. Sábado.

Segundo estatística recente, há perto de três milhões de eleitores analfabetos no Brasil.

Deste povo extravagante
Vejam só o triste estado:
Não sabe ler o votante
E mal soletra o votado!

O texto de Zangão, escrito em prosa e em versos, contextualiza para seus leitores que, de acordo com a estatística existem mais de três milhões de eleitores analfabetos no Brasil e, por meio de seus versos rimados, pode-se interpretar que

existe uma grande preocupação do escritor-intelectual em relação a essa informação. Faz-se importante definir o conceito de analfabeto para que o leitor entenda o significado da palavra no texto. Segundo o dicionário **Aurélio** (1999, p.102) analfabeto é “aquele que não sabe ler e escrever”, o qual não conhece o alfabeto. Já o dicionário **Houaiss** (2009, p.105) conceitua analfabeto como sendo: 1 - aquele(a) que desconhece o alfabeto ou que não sabe ler nem escrever. 2 - ou aquele(a) que não tem instrução primária. É analfabeto(a) a pessoa que não é capaz de ler e escrever com compressão um enunciado curto e simples sobre a vida cotidiana. Esses são considerados analfabetos absolutos, contrapondo o conceito de analfabeto, Vera Masagão Ribeiro (1997), informa que:

A definição de alfabetização que a Unesco propusera em 1958 fazia referência à capacidade de ler compreensivamente ou escrever um enunciado curto e simples relacionado à sua vida diária. Vinte anos depois, a mesma Unesco proporia outra definição, qualificando a alfabetização de funcional quando suficiente para que os indivíduos possam inserir-se adequadamente em seu meio, sendo capazes de desempenhar tarefas em que a leitura, a escrita e o cálculo são demandados para seu próprio desenvolvimento e para o desenvolvimento de sua comunidade. O qualitativo funcional insere a definição do alfabetismo na perspectiva do relativismo sociocultural. Tal definição já não visa limitar a competência ao seu nível mais simples (ler e escrever enunciados simples referidos à vida diária), mas abrigar graus e tipos diversos de habilidades, de acordo com as necessidades impostas pelos contextos econômicos, políticos e ou socioculturais (RIBEIRO,1997, p.144-158).

Em consonância com esse conceito, o analfabeto funcional, apesar de decifrar os códigos linguísticos da Língua Portuguesa, não compreende o que lê, portanto não realiza uma associação crítica com a realidade em que vive e com isso não é agente transformador de uma sociedade. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2020), ainda há no país onze milhões de pessoas analfabetas que não conseguem decodificar os símbolos, ou seja, não conseguem soletrar as palavras. Esses são considerados analfabetos absolutos. Os analfabetos funcionais apresentam um índice muito maior em relação ao primeiro, já citado. Há também os analfabetos digitais, matemáticos, que não estão incluídos nesses dados. Percebe-se ao longo da História que o problema do analfabetismo é uma questão de cunho político e social, no qual predomina o domínio e poder por parte dos políticos. Para a estrutura do sistema político no Brasil é de total interesse que seus eleitores permaneçam sendo analfabetos funcionais, pois, dessa forma, permitirá o controle de suas escolhas. Dessa forma, os candidatos podem negociar

os votos desses eleitores por meio de favores como: dinheiro, cestas básicas, materiais de construção. Todos os tipos de analfabetismo configuram formas de exclusão, domínio e manipulação dos cidadãos(ãs) pela elite dominante. Os votantes letrados podem ser mentes libertadoras e perigosas, tornando-se instrumentos de transformação que podem atribuir a eles maior voz e participação nos processos políticos, contribuindo para uma cidadania atuante, a qual não é de interesse dos nossos governantes que esse fato se torne uma realidade. A Educação nunca foi valorizada em nosso país, nunca houve investimentos significativos nesse setor, o que constata-se ainda hoje. Se não priorizarmos a educação como um setor essencial em nossa sociedade os dados apontados continuarão os mesmos. Triste e preocupante essa realidade que se estende até hoje no século XXI. Apesar da evolução tecnológica e do crescimento do país, a estatística apontada por Zangão em 1954, ainda continua sendo correspondente com a realidade atual.

2/145

DIÁRIO MERCANTIL, 04 de Julho de 1954, [p. DOIS]. Domingo.

Informam de Londres que três moças inglesas, após operação cirúrgica, transformaram-se em robustos rapazes.

Muda-se agora de sexo
Como de roupa se troca...
É de se ficar perplexo
Se a coisa não for potoca.

O primeiro caso registrado na história a realizar a cirurgia de mudança de gênero, que é denominada de redesignação sexual⁵, foi na Alemanha entre os anos 1920 e 1930, sob a influência do nazismo, mais precisamente no ano de 1931. A paciente nascida em 1891 tinha o nome de Richard, seu nome verdadeiro, porém era conhecida como Dora. Outra cirurgia de redesignação sexual foi de Lili Elbe pelo

⁵ Redesignação sexual é o procedimento cirúrgico pelo qual as características sexuais/genitais de nascença de um indivíduo são mudadas para aquelas socialmente associadas ao gênero que ele se reconhece. É parte, ou não, da transição física de transexuais e transgêneros.(GALI *et al*, 2013,p.448).

Instituto Hirschfeld de Ciência Sexual, em Viena. O filme **A garota Dinamarquesa** retrata a história e a trajetória de Lili Elbe, como na época não havia muitos estudos avançados da medicina, a paciente acaba falecendo por falta de recursos. Outro caso que chamou atenção da sociedade foi de um soldado George Jorgensen que também submeteu a mesma cirurgia realizada na Dinamarca. No regresso para os Estados Unidos da América o ex-soldado apresenta-se com o nome de Christine Jorgensen. Nos dias atuais, pode-se perceber que ainda há preconceitos e receios sobre esse polêmico assunto. No ano de 1954, mesmo que com alto grau de perigo em realizar tais cirurgias pelo o fato de não haver estudos clínicos, algumas pessoas se encorajavam em realizá-las para desafiar o preconceito da sociedade e obter a conquista dos seus desejos. Zangão satiriza que a mudança de sexo virou moda, comparando-a ao fato de trocar de roupa. Nesse sentido, a escrita em versos, levamos a entender que o escritor não aprova a tal cirurgia e que demonstra espanto diante do fato exposto.

3/145

DIÁRIO MERCANTIL, 06 de Julho de 1954, [p. DOIS]. Terça-feira.

Por ordem do governo e para proteger os donos dos canaviais, o preço do açúcar irá a dez cruzeiros.

Do povo, nessa hora amarga,
É mais do que justo o estrilo,
Pois o que dava por saca
Vai dar agora por quilo...

O fato contextualizado por Zangão informa para os leitores que o governo possui como objetivo proteger os produtores agrícolas com decreto para aumentar o preço do açúcar e quem sofrerá com esse aumento é o povo. De acordo com o texto, o escritor mostra uma preferência pelo trabalho agrícola deixando transparecer uma significativa preocupação em relação aos mesmos. Por meio de sua **Ferroada** literária, Zangão enfatiza que nosso país possui muitas riquezas naturais e que muitos países não possuem a décima parte destas riquezas. Portanto, o governo ao invés de investir na industrialização, deveria designar verbas e orçamentos para valorizar o gênero agrícola, evitando as importações, já que o Brasil é capaz de produzir esses produtos agrícolas em alta escala, objetivando atender as necessidades da população brasileira. Para o escritor, os empresários agrícolas gananciosos preocupam-se apenas em estocar seus produtos, causando

escassez dos mesmos no mercado. Dessa forma, os preços para o consumidor ficam elevados e os empresários lucram muito, como no caso da produção do açúcar. Os políticos mostram sua face e deixam transparecer suas incompetências e total descaso para com a população brasileira, a qual poderia estar usufruindo de todas essas riquezas naturais. Para Zangão, o povo brasileiro sofre e empobrece com os aumentos abusivos enquanto o governo enriquece uma pequena minoria, que são os empresários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo é um ato de divulgação da herança cultural de Gilberto de Alencar como um intelectual moderno, acrescentando de modo significativo à fortuna crítica do escritor mineiro. Suas **Ferroadas** jornalístico-literárias, que são as quadras satíricas, muito contribuíram para os leitores possuírem conhecimento de detalhes e fatos importantes da sociedade em que Alencar vivia. Usando pseudônimo de Zangão, por meio de um olhar aguçado e crítico, o escritor manifesta sua voz como jornalista intelectual atuante de sua época por intermédio de suas crônicas que evidenciam o caráter de cunho político. Desta forma, as colunas **Ferroadas** registradas nesse artigo certificam o estilo estético da escrita do autor, proporcionando para os futuros leitores e pesquisadores um legado cultural. Destaca-se a importância dos Arquivos para os pesquisadores, ressaltando que há dentro deles diversas possibilidades para responder, analisar e interpretar seus objetos de estudos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Cosette. A participação comunitária do DM. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora ,23 de jan.1972. Suplemento de aniversário.

ALENCAR, Gilberto. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 3 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 4 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto. **Ferroadas. Diário. Mercantil**, Juiz de Fora, 5 jul.1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto. **Ferroadas. Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 6 jul. 1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto. **Ferroadas. Diário Mercantil**, Juiz de Fora ,8 jul. 1954, p.2.

ALENCAR, Gilberto. **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

ALENCAR, Gilberto. **O escriba Julião de Azambuja & Misael e Maria Rita**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1962.

ANALFABETO. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio: O dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ANALFABETO. *In*: HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#0>. Acesso em: 2 mar. 2021.

ARAÚJO, Cássia Aparecida Braz. **Gilberto de Alencar: faces de um intelectual**. Orientadora: Ivete Lara Camargos Walty; Coorientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2018, 245 f. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS), Belo Horizonte, 2018.

ARTIÉRES, Philippe, Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos/FGV**, Rio de Janeiro: vol.11, n.21. p. 9-34, 1998.

BRITO, Augusto Cesar Luiz; MOKARZEL, Marisa de Oliveira; CORRADI, Ana Laura. O arquivo enquanto lugar da memória e sua relação com a identidade. **Ágora**, ISSN 0103-3557, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 158-182, jan./jun. 2017.

CASTRO, Aloisio Arnaldo Nunes de. A preservação Documental no Brasil. Notas para uma reflexão histórica. **Acervo**. Rio de Janeiro: v.23 nº 2, p. 31-46, jul./dez, 2010. Disponível em <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/54676>. Acesso em 8 mar.2021.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Intelectuais em cena. *In*: CURY, Maria Zilda Ferreira; WALTY, Ivete Lara Camargos. **Intelectuais e vida pública: migrações e mediações**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p-p 11-29.

FRANCISQUINI, Gina Mara Ribeiro Quintão. **Registros Intencionais: diários de Gilberto de Alencar, revelações de um pensador**. Orientadora: Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2017, 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), Juiz de Fora, 2017.

GALEANO, Eduardo. **Vozes & crônicas**, S. Paulo, Global/VERSUS, 1978.

GALLI, Rafael Alves *et al.* Corpos mutantes - mulheres intrigantes: transexualidade e redesignação sexual. **Psicologia, teoria e pesquisa**. Brasília: 2013, Out-Dez, Vol. 29 n. 4, pp. 447-457. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v29n4/v29n4a11> Acesso em: 11 abr. 2021.

HADJIMATHEOU, Chloe. Mudança de sexo de estrela de Hollywood completa seis décadas. **BBC Brasil**. São Paulo, [N.p.]. 3 dez. 2012. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/12/121203_mudancasexo_ru. Acesso em: 22 mar. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003, p. 29 – 70.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD 2019. PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em: 27 de mar. 2021.

MALVA, Pamela. Pioneirismo trans: Dora Richter, a primeira pessoa a fazer cirurgias completas de troca de gêneros. **Aventuras na História**, São Paulo, 10 de mar. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/pioneirismo-trans-dora-richter-primeira-pessoa-fazer-cirurgias-completas-de-troca-de-generos.phtml>. Acesso em: 22 de Março de 2021.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. **Arquivos Literários**. [Entrevista cedida a] Revista Archivoz. Juiz de Fora, M.G, 25 de jan.2021. Disponível em: <https://www.archivozmagazine.org/es/entrevista-noema-rodriguez/>. Acesso em:13 de mar.2021.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. Preservação dos bens culturais: o jornalismo literário de Gilberto de Alencar. *In: XIV Congresso Internacional Abralic*, 2016, Belém do Pará. V.1 p. 1-10.

NOBREGA, Dormevilly. **Reverendo o passado**: memória juiz-forana – 1ª série. Juiz de Fora: Edições Caminho Novo, 1997.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto história. São Paulo. n.10, p. 7-28, dez. 1993.

PAES, Marilena Leite. Introdução ao estudo de arquivos. *In: Arquivo: teoria e prática*. 3ed. Ver.ampl. reimp. Rio de Janeiro. Ed:FGV,2002, p.19-33.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Jornalistas – intelectuais no Brasil**. Orientadora: Profa. Dra. Zélia Leal Adghirmi. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Brasília, 2008.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 18, n. 60, p. 144-158, Dec.1997.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73301997000300009>. Acesso em 23 Mar. 2021.

ROSA, Rita de Cássia Vianna. **A General das letras**: a literata Cosette de Alencar e a sua cidade Juiz de Fora: 1918 a 1973. Orientadora: Rachel Soihet. 2013. 419 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2013.

SARLO, Beatriz. **Cenas pós-moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina; tradução: Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.